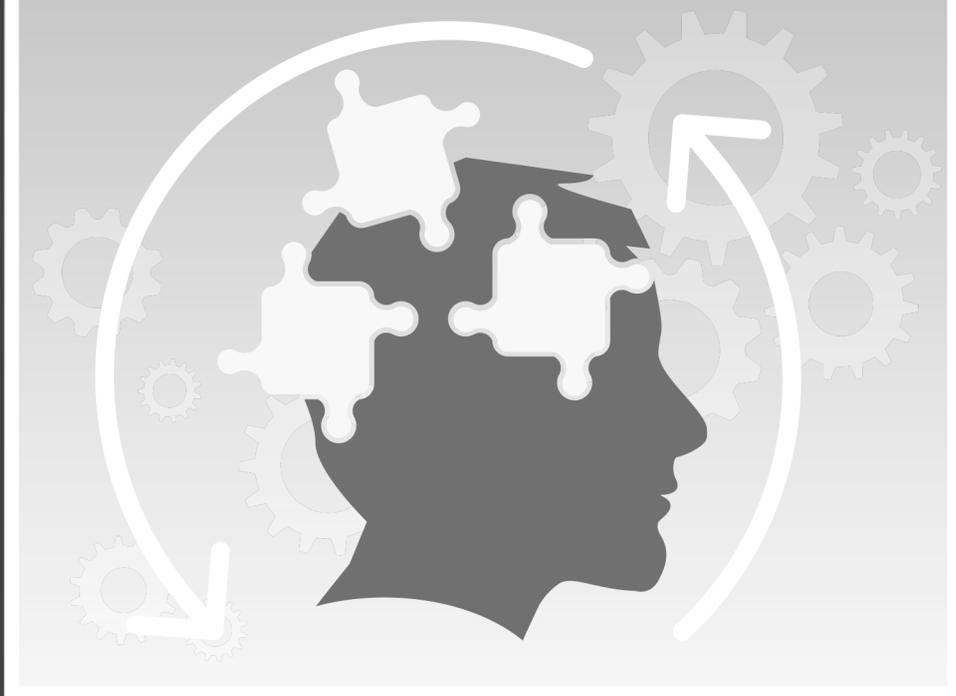


Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento 2

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2020



Letras e Linguística:
Estrutura e
Funcionamento 2

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)


Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L649 Letras e linguística [recurso eletrônico] : estrutura e funcionamento 2 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-449-8

DOI 10.22533/at.ed.498200610

1. Letras – Pesquisa. 2. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS E LINGUÍSTICA: ESTRUTURA E FUNCIONALISMO – VOL. II**, coletânea de dezoito capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, se faz presente discussões de temáticas que circundam a grande área das Letras a partir de diálogos com suas subáreas e demais áreas das Humanidades.

Temos, nesse segundo volume, quatro grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações, nelas estão debates que circundam linguística e discurso; novas tecnologias; ensino de língua inglesa; LIBRAS e realidade surda.

Linguística e discurso traz análises relevantes como movimentos parafrásticos e polissêmicos, pronomes, gênero textual, ensino de gramática e discursos, seja o religioso, o médico ou o jurídico.

Em novas tecnologias são verificadas contribuições que versam sobre representações, argumentação em blogs, ambientes virtuais de aprendizagem e ensino médio presencial mediado por tecnologias.

Em ensino de língua inglesa são encontradas questões relativas a ludicidade, desenvolvimento e falantes nativos.

LIBRAS e realidade surda enfatiza abordagens sobre estratégias de aprendizagem de LIBRAS como segunda língua e atendimentos realizados para surdos na fonoaudiologia, precisamente na Clínica de Fonoaudiologia da UNICAP, Pernambuco.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MOVIMENTOS PARAFRÁSTICOS E POLISSÊMICOS NA DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE SUJEITO E IDENTIDADE	
Maria Deusa Brito de Sousa Apinagé	
Janete Silva dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4982006101	
CAPÍTULO 2	10
O EMPREGO DO PRONOME OBLÍQUO ÁTONO PROCLÍTICO À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA	
Carla Barcelos Nogueira Soares	
Gisele Manhães do Couto	
Eliana Crispim F. Luquetti	
DOI 10.22533/at.ed.4982006102	
CAPÍTULO 3	24
A REPRESENTATIVIDADE DO GÊNERO TEXTUAL CAUSO GAUCHESCO NOS LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD	
Silvio Luis Sobral de Oliveira	
Mateus da Rosa Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.4982006103	
CAPÍTULO 4	31
A CONTRIBUIÇÃO DE BAKHTIN PARA O ENSINO DA GRAMÁTICA	
Jéssica Duarte de Souza	
Camila de Araújo Beraldo Ludovice	
DOI 10.22533/at.ed.4982006104	
CAPÍTULO 5	43
FORMAS DE LEGITIMAÇÃO DE PODER: DISCURSO E IDEOLOGIA NO DISCURSO RELIGIOSO	
Josicarla Gomes de Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.4982006105	
CAPÍTULO 6	53
O DISCURSO MÉDICO E O MONSTRO: SENTIDOS DE SAÚDE E CORPO PELA CIRURGIA BARIÁTRICA	
Thaís Silva Marinheiro de Paula	
Soraya Maria Romano Pacífico	
DOI 10.22533/at.ed.4982006106	
CAPÍTULO 7	70
DISCURSO JURÍDICO CONTEMPORÂNEO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ERUDITO E O FILOSÓFICO	
Alexandre Luís Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.4982006107	

CAPÍTULO 8	83
EU VOS <i>ORDENO</i> MARIDO E MULHER! A MEMÓRIA DISCURSIVA NO DILEMA DA UNIÃO CIVIL NO ESTADO BRASILEIRO	
Everaldo dos Santos Mendes Marildo de Oliveira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.4982006108	
CAPÍTULO 9	102
DA CONTESTAÇÃO POR DIREITOS DA MULHER NO SÉCULO XIX: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DE NÍSIA FLORESTA	
Erika Caroline de Oliveira Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.4982006109	
CAPÍTULO 10	111
APROPRIAÇÃO DO DISCURSO SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS: IMBRICAMENTO DE REPRESENTAÇÕES	
Silvelena Cosmo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.49820061010	
CAPÍTULO 11	121
ARGUMENTAÇÃO EM BLOGS: CONTRADIÇÃO E RESISTÊNCIA NOS DISCURSOS SOBRE CELULAR NA ESCOLA	
Maria Aparecida de Souza Carvalho Soraya Maria Romano Pacífico	
DOI 10.22533/at.ed.49820061011	
CAPÍTULO 12	131
MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM: O PROFESSOR DA ERA DIGITAL	
Daniella de Almeida Santos Ferreira de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.49820061012	
CAPÍTULO 13	141
O ENSINO MÉDIO PRESENCIAL MEDIADO POR TECNOLOGIA NA ESCOLA ESTADUAL SANTA RITA NA ZONA URBANA DO MUNICÍPIO DE JAPURÁ-AM	
Ricélia dos Santos Solart	
DOI 10.22533/at.ed.49820061013	
CAPÍTULO 14	159
AS CONTRIBUIÇÕES DA LUDICIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EJA	
Amanda Stanislawski Reche Claudia Marchese Winfield	
DOI 10.22533/at.ed.49820061014	
CAPÍTULO 15	164
LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS: VEREDAS PERCORRIDAS DA CHEGADA AO	

ENSINO SUPERIOR À IMPLEMENTAÇÃO E EXPANSÃO NO ESTADO DO PARÁ

Luciana Kinoshita

DOI 10.22533/at.ed.49820061015

CAPÍTULO 16..... 179

QUANDO A “PUREZA” DA LÍNGUA FORJA A “IMPUREZA” DOS FALANTES NÃO NATIVOS

Marildo de Oliveira Lopes

DOI 10.22533/at.ed.49820061016

CAPÍTULO 17..... 191

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA ADULTOS OUVINTES NO CURSO INICIANTE DE LIBRAS

Cleusa Regina Cardoso

Luiz Antônio Zancanaro Junior

DOI 10.22533/at.ed.49820061017

CAPÍTULO 18..... 204

MAPEAMENTO DOS ATENDIMENTOS REALIZADOS PARA SURDOS E SUAS ORIENTAÇÕES TEÓRICAS REALIZADOS NA CLÍNICA DE FONOAUDIOLOGIA DA UNICAP: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Mannix de Azevêdo Ferreira

Wanilda Maria Alves Cavalcanti

DOI 10.22533/at.ed.49820061018

SOBRE O ORGANIZADOR..... 214

ÍNDICE REMISSIVO..... 215

CAPÍTULO 16

QUANDO A “PUREZA” DA LÍNGUA FORJA A “IMPUREZA” DOS FALANTES NÃO NATIVOS

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 17/07/2020

Marildo de Oliveira Lopes

Universidade Federal da Bahia
Salvador – BA

<http://lattes.cnpq.br/5032065918548307>

RESUMO: Este artigo objetiva analisar os sentidos e as implicações da noção de identidade “pura” da língua, em textos tecidos em práticas discursivas no âmbito do ensino de inglês. A partir dos estudos de Hall (2006), realizo uma intersecção entre a Linguística Aplicada – dialogando com os postulados de Schmitz (2013), Palma (2011), Agier (2019), Coracini (2003) e Rajagopalan (2005) – com os Estudos Críticos do Discurso, ancorado nos escritos de Fairclough (2001) e van Dijk (2018). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de análise interpretativista, que percorreu o seguinte caminho metodológico: (1) estudo bibliográfico; (2) busca de produções textuais, na internet, relacionadas ao ensino de inglês, a saber: anúncios de cursos, anúncios de emprego para professores e videoaulas. Os elementos linguísticos dessas produções foram transcritos e os não linguísticos foram devidamente descritos, para fins de análise. Os dados revelam que esses discursos estão atravessados pela noção da identidade essencialista do inglês como língua pura, (re)produzindo o binarismo falante nativo *versus* falante não nativo. Nesse viés, o falante nativo seria o dono e o falante legítimo da língua,

excluindo-se, dessa concepção, quaisquer outros indivíduos, povos, países, culturas e variantes linguísticas – vistas, num viés manipulador, como identidades impuras – que não se enquadrariam na categoria “nativo”. À essa concepção subalternizadora subjazem ideologias globais discriminatórias e assimetrias de poder, contra as quais devemos lutar, na perspectiva do respeito à diversidade, aos direitos humanos e à dignidade de todos os seres humanos no Planeta.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de inglês, Práticas discursivas, Identidade, Falante Nativo, Falante não nativo.

WHEN THE “PURITY” OF THE LANGUAGE FORGES THE “IMPURITY” OF NON-NATIVE SPEAKERS

ABSTRACT: This article aims to analyze the meanings and implications of the notion of “pure” identity of a language, in texts conveyed in discursive practices in the context of teaching English. Based on Hall’s studies (2006), I make an intersection between Applied Linguistics – in dialogue with the postulates of Schmitz (2013), Palma (2011), Agier (2019), Coracini (2003) and Rajagopalan (2005) – with Critical Discourse Studies, anchored in the writings of Fairclough (2001) and van Dijk (2018). This is a qualitative research of interpretive analysis that followed this methodological path: (1) bibliographic study; (2) search for textual productions, on the internet, related to English teaching: course announcements, job advertisements for teachers and video classes. The linguistic elements of these productions have been transcribed and the non-linguistic ones have been properly described

for analysis purposes. The data reveal that these discourses are crossed by the notion of an essentialist identity of English as a “pure” language, (re)producing the binarism of native speaker and non-native speaker. In this perspective, the native speaker would be the owner and the legitimate speaker of the language, excluding from this conception any other individuals, peoples, countries, cultures and linguistic variants – seen, from a manipulative point of view, as impure identities, that would not fit in the “native” category. This conception that produces subordinating roles is subjected to global discriminatory ideologies and asymmetries of power, against which we must fight, in the perspective of the respect for diversity, for the human rights and for the dignity of all human beings on Earth.

KEYWORDS: English teaching, Discursive practices, Identity, Native speaker, Non-native speaker.

1 | INTRODUÇÃO

A linguística aplicada (LA) contemporânea é uma área ampla, independente, interdisciplinar, “indisciplinar”, “antidisciplinar” e “transgressiva” (MOITA LOPES, 2009, p. 19) que se ocupa da investigação de problemas de linguagem no seu contexto de uso, em qualquer esfera da vida humana. Quando aplicada aos estudos de ensino de línguas, a LA possui uma nova agenda, que extrapola questões meramente linguísticas ou didáticas. Ela está também preocupada com seres humanos, com a justiça social, com os direitos humanos, sobretudo com a dignidade dos usuários de quaisquer línguas, com o combate aos preconceitos e discriminações diversos, que marginalizam povos, línguas, modos de falar e de existir. Essa nova agenda da LA está atrelada a um posicionamento político de resistência, que lança luzes de esperança para as minorias desfavorecidas socioeconomicamente no cenário mundial atual.

Falar, ensinar e aprender uma língua não é simplesmente repetir um modelo, mas significa também (re)produzir sentidos e ideologias. Somos sujeitos atravessados pela história. Os discursos e práticas sociais hegemônicas que produzem impactos na esfera do uso e ensino-aprendizagem de línguas não estão desvinculados de historicidade, de relações assimétricas de poder, de interesses políticos e comerciais específicos de grupos que se acham os legítimos donos do poder, e proprietários das língua e dos modos “legítimos” de falar.

Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é analisar a maneira como (re)produção da noção essencialista da identidade da língua em práticas discursivas no âmbito do ensino de inglês cria o binarismo falante nativo *versus* falante não nativo, afetando esferas políticas, pedagógicas, (re)produzindo opressão social de indivíduos, povos e etnias e a desqualificação de variantes de línguas.

Este artigo objetiva analisar os sentidos e as implicações da noção de identidade “pura” da língua, em textos tecidos em práticas discursivas no âmbito do ensino de inglês. Assim, realizo uma interseção entre a LA e os Estudos Críticos do Discurso (doravante ECD).

Inicialmente, apresento os postulados teóricos acerca da identidade que perpassa pela noção utópica do falante nativo para, posteriormente, demonstrar como essas visões estão materializadas em textos nas seguintes práticas discursivas do universo de ensino-aprendizagem de língua inglesa: anúncios de cursos, anúncios de empregos para professores e videoaulas disponibilizadas no portal *Youtube*. Os elementos linguísticos foram transcritos e os não linguísticos foram devidamente descritos, para fins de análise.

2 | A NOÇÃO DA IDENTIDADE PURA E ESSENCIALISTA DA LÍNGUA

De acordo com Rajagopalan (2005), a tradição do Ocidente concebe a identidade em um viés binário, quando na verdade, a identidade é algo muito mais complexo do que parece. O autor mostra que essa complexidade não é levada tão a sério os contextos de ensino de línguas, onde busca-se, comumente, obter algumas informações sobre o aprendiz, como sua origem, metas de vida, entre outros, visando o delineamento da metodologia no ensino. O autor salienta que é uma ilusão pensar que conhecer essas características do aprendiz é, de fato, conhecer sua identidade.

Problematizar a noção de identidade nos leva a questionar o construto da identidade da língua que a concebe como algo pura, estável fixa, estanque. Se assim fosse, qualquer modelo de língua diferente do que é idealizado, seria um pecado universal, um desvio de algo cristalizado, uma ofensa à suposta integridade e unidade da língua.

Rajagopalan (2005) traz à tona a discussão sobre quem é o legítimo falante de uma língua, apresentando a discussão acerca da dicotomia falante nativo *versus* falante-não nativo, uma questão bastante problemática. Palma (2011, p. 29), para mostrar a influência na noção tradicional do falante nativo, apropria-se de Chomsky (1975)¹, o qual acredita ser o falante nativo aquele falante ideal, que possui repertório gramatical e lexical, capaz de usar qualquer estrutura em qualquer situação, não estando sujeito a erros ou a lapsos de memória. A ideia criada sobre o falante nativo, influenciada por Chomsky (1975), é um mito para Palma (2011), como é para diversos outros linguistas aplicados, pois qualquer falante nativo comete erros e está sujeito a lapsos de memória. A autora nos diz:

Voltamos a ressaltar que, sob uma perspectiva discursiva, a língua é tomada como o lugar do equívoco e da heterogeneidade, sendo, portanto, impossível ao sujeito dominá-la por completo, sem erros, lapsos ou ambiguidade. A língua tampouco é fechada em si mesma; ao contrário, é suscetível a influências externas, sobretudo no mundo globalizado atual. No entanto, o sujeito que se crê pleno e uno, também acredita ser capaz de controlar seu dizer, de forma a controlar a própria língua (PALMA, 2011, p. 30).

Assim, a autora defende um conceito de língua que extrapola a visão estruturalista de Ferdinand Saussure (2006), para o qual a língua é um sistema fechado em si mesmo,

1. CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da Sintaxe**. Tradução por J. A. Meireles e E.P. Raposo. Coimbra: A. A. Amado, 1975.

constituído por signos e regras de combinação. Ao contrário dessa visão, Palma (2011) diz que a língua é marcada por outros elementos como o lapso, a ambiguidade, a heterogeneidade. Nessa acepção, tanto a língua como os seus falantes estão suscetíveis a serem influenciados por elementos externos, como a história, as ideologias e, inclusive, a influência de modos diferentes de falar e interagir por meio da língua.

Tradicionalmente, como nos mostra Palma (2011), mesmo na LA, o falante nativo é geralmente entendido como o falante ideal. A autora discute algo bastante problemático. Se considerarmos falantes nativos as pessoas que nasceram onde uma dada língua é usada como língua dominante, e havendo uma modalidade padrão daquela língua, torna-se difícil enquadrar todos os que nasceram naquele local, já que isso excluiria as crianças que, até uma certa idade, são incapazes de dominar essa modalidade. Além disso, também excluiria, do conceito de falante nativo, os indivíduos com alguma forma de deficiência que os impedem de reproduzir aquele padrão de língua.

Outro exemplo relevante apresentado por Rajagopalan (2005) é o caso dos pidgins, que sofrem alterações o tempo todo, não atendendo a esse conceito de língua idealizada. O autor critica a visão de Perren (1956)² sobre a expansão do inglês no continente africano. O *East African English*, falado com peculiaridades locais na África não possuiria o *status* de língua, na visão de Perren (1956), que considerou o fenômeno um perigo, uma ameaça à suposta pureza da língua inglesa e, inclusive, sugeriu que a solução (radical) para acabar com os desvios cometidos na língua inglesa é fazer os falantes daquele lugar esquecerem o inglês, embora essa fosse a língua materna dessas pessoas, alegando que essa estava contaminada com as “impurezas” das peculiaridades locais.

Se considerarmos as línguas como puras, teremos que excluir os falantes que não reproduzem esse modelo de língua. Fato é que na vida concreta e nas comunicações cotidianas, as pessoas usam as diversas variedades de uma língua ou até mesclam diferentes línguas (translingualismo). Validar a noção de um falante nativo que reproduz um padrão de língua (o que é ilusório) significa excluir os demais falantes daquela língua, seja um falante de segunda língua ou de língua estrangeira.

Contudo, o mito do purismo linguístico tem sido questionado. Para Rajagopalan (2005, p. 16), essa concepção moderna de língua e de ensino de línguas tem sido combatida. As discussões acerca dessa temática têm ganhado corpo, orientadas pelo pensamento pós-moderno nas ciências humanas. O autor explica que a identidade passou a ser vista como algo sempre em construção, ao contrário da visão ocidental para a qual a identidade era algo fixo e imutável. Nas palavras do autor,

Tudo isso tem mudado, e radicalmente, desde que os ventos do pensamento pós-moderno começaram a atravessar as ciências humanas. A identidade não é mais vista como algo que pode ser tomado como fixo e garantido. Em vez disso, hoje é amplamente reconhecido como uma construção. As

2. PERREN, G.E. 1956. 'Some problems of oral English in East Africa'. **English Language Teaching**. XI. 1:3-10.

identidades são construídas e constantemente reconstruídas em sintonia com as múltiplas influências às quais estão sujeitas. As identidades estão em um estado permanente de fluxo (RAJAGOPALAN, 2005, p. 16, tradução minha)³.

A partir dessa perspectiva que rejeita uma identidade essencialista, Rajagopalan (2005) sugere que as escolas de idiomas e os professores de línguas trabalhem com uma abordagem mais realista. Nem as línguas nem seus falantes possuem identidades fixas. Na vida concreta, não há uma única forma de se falar uma língua. A comunicação ocorre com mais de uma variedade da língua e mesmo na mesclagem entre línguas.

Outra discussão relevante é a desenvolvida por Schmitz (2013), que apresenta sua consonância com a crítica que Paikeday (1985)⁴ faz à noção de falante nativo, declarando a morte desse falante mítico, por acreditar que essa noção acaba favorecendo alguns grupos e discriminando outros. Schmitz (2013) não fala, como Paikeday (1985), na morte do falante nativo, mas na eliminação do status privilegiado do falante nativo, que é visto como o legítimo falante da língua.

Concordo com Paikeday que ser um falante nativo (isto é, o critério do local de nascimento) não é uma qualificação imprescindível para participar da preparação de um dicionário, escrever livros didáticos ou ensinar inglês. Competência é o que é necessário e não laços de sangue, conjunto particular de genes ou o local de nascimento. Eu, no entanto, não iria tão longe quanto ele em proclamar a morte do falante nativo, mas antes *a morte (ou a eliminação) do status privilegiado* [ênfase do autor] do falante nativo (SCHMITZ, 2013, p. 137, tradução minha)⁵.

Apesar dessa diferença com Paikeday (1985), que decreta a morte do falante nativo, Schmitz (2013) defende a desconstrução de seu status privilegiado, pois este não é o único competente para utilizar a língua. Schmitz (2013) também acredita que o professor de língua ideal não é, necessariamente, o professor considerado falante nativo da língua que ensina.

Nessa direção, Schmitz (2013) desvenda uma aparente ingenuidade de alguns, que podem não perceber, de imediato, os implícitos que atravessam essa discussão. Ele ressalta que, por trás da noção de falante nativo há uma ideologia perigosa de superioridade, purismo racial, relações assimétricas de poder. Ao validar a noção de falante nativo, estamos, segundo o autor, dizendo que apenas ele é o autêntico falante da língua enquanto o falante não nativo é concebido como o não autêntico, como um desvio, como

3. No original: All this has changed, and radically so, since the winds of postmodern thought started sweeping across the humanities. Identity is no longer viewed as something that can be taken for granted. Rather, is widely recognized today to be a construct. Identities are constructed and constantly being reconstructed in tune with the multiples influences they are subjected to. Identities are in a permanent state of flux (RAJAGOPALAN, 2005, p. 16).

4. PAIKEDAY, T. 1985. **The native speaker is dead!** Toronto, Paikeday Publishing Company, Inc. 109 p.

5. No original: I agree with Paikeday that being a native speaker (that is, the criterion of place of birth) is not a qualification for participating in the preparation of a dictionary, writing textbooks or teaching English. Competence is what is needed and not ties of blood, particular set of genes or place of birth. I would, however, not go as far as he does in proclaiming the death of the native speaker, but rather the *death (or the elimination) of the privileged status* (my emphasis) of the native speaker (SCHMITZ, 2013, p. 137).

aquele que produz uma variedade deficitária da língua.

Schmitz (2013) apresenta outra discordância entre Paikeday (1985), para quem o termo falante nativo é inútil e moribundo e Davies (1991), o qual vê relevância no termo, com a premissa de que uma pessoa tem segurança ao falar sua língua nativa e é inseguro quando fala uma língua não nativa. Nessa discussão, destaca-se o posicionamento de Schmitz (2013) que acredita que qualquer pessoa pode se sentir insegura ao falar qualquer língua, seja ela nativa ou não. A insegurança não está restrita a falantes não nativos.

A visão tradicional do falante nativo é bastante rígida para Schmitz (2013), que chama a atenção para a fragilidade do termo *segunda língua (L2)*. Em países como Índia, Cingapura e Nigéria, o inglês é uma língua oficial. Pessoas nascidas nesses países, que aprenderam o inglês muitas vezes desde a infância (o não), devem ser excluídas da categoria falante nativo? Seria uma injustiça considerar como nativos apenas os americanos, australianos, canadenses e britânicos. O autor ressalta que a língua inglesa ganhou expansão no globo terrestre, sendo que há diferentes variantes da língua. Numa abordagem não discriminatória, o inglês indiano estaria em pé de igualdade com o inglês americano ou britânico, tradicionalmente consideradas as duas variantes de maior prestígio no mundo. Apropriando-se de Rajagopalan (1997)⁶, Schmitz (2013) diz haver um problema que é não apenas linguístico, mas sobretudo político. A noção de falante nativo privilegia uma variedade da língua e exclui outras, revelando uma posição discriminatória, racista e etnocêntrica. Schmitz (2013) é totalmente favorável com a visão de Mac Aogáin (1995)⁷, o qual chama de *insulto à uma nação* quando a variedade de inglês falada em qualquer país é considerada não nativa, como é o caso do inglês falado na Índia, Irlanda, entre outros.

Quais são os critérios para ser falante nativo? Aprender a língua na infância? Dominar a gramática? Ler bem no idioma? Nascer em um país específico? Ter a língua falada no seio familiar? A questão é tão problemática que prefiro acreditar no prenúncio paikedayano da morte do falante nativo. Ele apenas faz parte de uma memória perversa da mitologia que ainda assombra o mundo.

Conforme Schmitz (2013), é injusto considerar como não nativos muitas pessoas de alguns países como a Malásia, a Índia e Cingapura, que aprendem o inglês como primeira língua (L1) e são, no entanto, injustamente excluídas da categoria de falantes nativos do idioma. O autor esboça uma concordância com o posicionamento de Cook (1999)⁸, o qual reforça a ideia de que mesmo os falantes de L2 são falantes legítimos de uma língua, sem a necessidade de serem imitadores de falantes das variantes hegemônicas. Aprecio muito quando Schmitz (2013) se apropria de Kramersch (1997)⁹, para reforçar a valorização do

6 RAJAGOPALAN, K. 1997. Linguistics and the myth of nativity: Comments on the new/non-native Englishes. *Journal of Pragmatics*, 27:225-31.

7. AFENDRAS, E. A.; MILLAR, S.; MAC AOGÁIN, E.; BAMGBOŞ E, A.; KACHRU, Y.; SALEEMI, A. P.; PRIESLER, B.; TRUDGILL, P.; COULMAS, F.; DASGUPTA, P. 1995. On 'new/non-native' Englishes: A gamelon. *Journal of Pragmatics*, 24:295-321.

8. COOK, V.J. 1999. *Going beyond the native speaker in language teaching*. *TESOL Quarterly*, 33(6):185-209.

9. KRAMSCH, C. 1997. *The privilege of the nonnative speaker*. Guest Column PMLA - Publication of the Modern

bilinguismo e do *multilinguismo*, até porque esses elementos são, segundo ele, privilégios de muitos usuários de línguas no mundo que os considerados falantes nativos monolíngues não possuem.

A discriminação contra não nativos é tamanha que é observada até mesmo em âmbito da produção científica. Em relação a isso, Schmitz (2013) coaduna com a posição de Flowerdew (2000)¹⁰, para o qual alguns periódicos internacionais são discriminatórios quando rejeitam artigos científicos de autores que não são estão dentro dessa caixa chamada *falantes nativos de uma dada língua* sobre a qual os trabalhos são escritos.

Isso leva Schmitz (2013) a questionar quem é dono da língua, posicionando-se que a língua não pertence somente a uma nação ou a um grupo específico de falantes. A língua é de todos os que a usam. Logo, conforme o autor, ancorado em Higgins (2003)¹¹, apresenta a ideia de que é preciso ter uma concepção pluralista do inglês e não apenas restringir os americanos ou britânicos como os únicos donos da língua.

Schmitz (2013), apresenta alguns estudos realizados sobre o inglês como Língua Franca (ELF), que é o conjunto das variedades do inglês faladas pelas pessoas que não são falantes da língua como L1 e a falam em sua própria perspectiva e modo, desobrigados de serem imitadores do padrão hegemônico, sem precisarem apagar suas identidades. O autor é enfático nas críticas que faz a Prodromou (2008)¹², quando esse chama os falantes de ELF de gagos no cenário mundial. Schmitz (2013) também se opõe à visão de Priesler (1990)¹³, para o qual é somente o inglês padrão hegemônico que deve ser ensinado aos estudantes de inglês no mundo. Em respeito à diversidade linguística, Schmitz (2013) defende que o ELF é uma forma de libertar os estudantes da obrigação de imitarem os falantes nativos, já eu esses não podem ser considerados inferiores ou falantes deficitários simplesmente por não serem enquadrados na categoria de falante nativo.

Além disso, a visão dessas identidades binárias afeta a aprendizagem de um idioma. Segundo, Palma (2011), os aprendizes brasileiros do inglês constroem representações de sua identidade a partir das representações que têm da identidade do outro (do falante nativo). Para a autora, essas representações binárias falante nativo *versus* falante não nativo afetam o desempenho na aprendizagem e a competência linguística no idioma, já que esses aprendizes considerados não nativos se veem como inferiores, não donos da língua e deslocados dela.

Palma (2011) faz críticas à ideia tradicional da identidade, apresentando a ideia de Hall (2006) que, no lugar do termo *identidade*, prefere o termo *identificação* que, para o

Language Association. New York, MLA. p. 359-369.

10. FLOWERDEW, J. 2000. Discourse community, linguistic peripheral participation, and the nonnative-English-speaking scholar. *TESOL Quarterly*, 34(1):127-150.

11 HIGGINS, C. 2003. Ownership of English in the outer circle: An alternative to the NS-NSS dichotomy. *TESOL Quarterly*, 37(4):615-643.

12. PRODROMOU, L. 2008. *English as a Lingua Franca: a corpus-based analysis*. London, Continuum. 291p.

13. PRIESLER, B. 1999. Functions and forms of English in a European EFL country. In: T. BEX.; R.J. WATTS (eds.), *Standard English: the widening debate*. London, Routledge, p. 239-268.

autor, é um conceito mais apropriado, já que remete à um processo de articulação, a algo sempre em construção e não a uma unidade, não a algo fixo. A identificação está sujeita à diferença. Palma (2011) também corrobora com os postulados de Coracini (2003), para a qual a identidade não é estanque, mas é um processo sempre em movimento e mutação, sempre aberto à diversidade.

Em um viés antropológico, Agier (2001) afirma que a identidade remete sempre a um outro, sendo um processo de transformação constante, algo múltiplo, inacabado e instável. Para ele, os contextos diversos de socialização dos seres humanos alteram as identidades. Assim, a identidade não é algo dado pela natureza, mas é construída socialmente, nos diferentes contextos das aproximações dos seres humanos. Desse modo, o hibridismo é apresentado como outro elemento importante no que diz respeito à identidade, revelando que a identidade é uma forma de bricolagem, ou seja, uma forma de mesclagem dos diversos contextos da vida das pessoas e povos que vão tecendo suas identidades. O autor destaca o papel da cultura nesse processo, defendendo a tese de que o processo de construção das identidades de grupos sociais diversos é heterogêneo, ou seja, a partir do contato de uma cultura com outra cultura, as pessoas constroem novas configurações identitárias nas quais há misturas diversas de identidades.

3 | O FALANTE NATIVO E O NÃO NATIVO EM PRÁTICAS DISCURSIVAS NO ÂMBITO DO ENSINO DE LÍNGUAS

O conceito de prática discursiva que trago aqui é o dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), abordagem de análise discursiva textualmente orientada, que tem como preocupação investigar a (re)reprodução de assimetrias do poder no/pelo discurso (VAN DIJK, 2018). O conceito de *prática discursiva* é explorado por Norman Fairclough (2001), o qual postula a *visão tridimensional do discurso*. Nessa acepção, discurso é *texto* (os textos diversos que circulam na sociedade, em suas diferentes semioses), é *prática discursiva* (produção, circulação e consumo de textos) e discurso é também *prática social* (não a mera representação do mundo, mas uma forma de ação no mundo.). Há uma relação dialética intrínseca entre linguagem e sociedade (FAIRCLOUGH, 2003).

Neste trabalho, para exemplificar posições binárias discriminatórias acerca da identidade e o mito do purismo linguístico, interesse-me por uma reflexão acerca de algumas práticas discursivas existentes no âmbito do ensino aprendizagem de línguas.

Como tenho dito, há algum tempo a LA tem se ocupado em combater discursos que discriminam variantes de línguas tradicionalmente consideradas fora do padrão hegemônico, como é o caso do inglês indiano, singapuriano, africano, entre outros. Inclui-se aqui a visão mítica do falante nativo, concebido como um falante ideal e legítimo dono da língua. Essa visão está atravessada de ideologias perversas e discriminatórias. Como os EDC estão comprometidos com a mudança social por meio de ações de resistência,

incluindo a mudança discursiva, acredito ser relevante relacionar os pressupostos teóricos da LA aqui apresentados com os ECD, apesar de que não é a única área em análise do discurso capaz de promover esta discussão. Acredito que os ECD, abordagem de investigação ainda muito jovem e carecendo ainda de tantos aprofundamentos, pode se posicionar criticamente diante das práticas discursivas ocorridas na esfera do ensino aprendizagem de línguas e no uso da linguagem de modo geral.

No contexto da globalização capitalista neoliberal, as práticas discursivas são utilizadas como estratégias por agências mundiais com fins políticos específicos. Conceber o inglês como superior às demais línguas do mundo e considerar as variantes americana e britânica como variantes legítimas e providas de maior prestígio é reforçar a supremacia dessas nações e oprimir as demais nações do mundo os falantes das variantes não hegemônicas. Para cumprir a sua agenda, órgãos internacionais propagam discursos de forma estratégica, se valendo de diversas práticas discursivas para a (re) produção de ideologias e manutenção do seu status quo. Dou alguns exemplos dessas práticas.

A primeira prática discursiva que discuto envolve os *anúncios dos cursos de inglês*. Nessa discussão, é relevante salientar a afirmação de Palma (2011) quando fiz que há um discurso no Brasil que confere às escolas de idiomas o status de ser o lugar onde, de fato, aprende-se um idioma, enquanto as escolas de ensino oficial são consideradas um lugar que não ensina efetivamente uma língua. Isso, conforme a autora, leva a outro discurso, o que vê o inglês como superior às outras línguas do mundo, devido à demanda, no mercado global, da comunicação por meio do inglês.

No primeiro anúncio¹⁴ de curso de inglês, encontrado na internet, ocorre algo muito comum: imagens que remetem à supremacia dos Estados Unidos e da Inglaterra como os países donos da língua inglesa. De um lado, nesse anúncio, aparece a imagem do Palácio de Westminster, em Londres e, logo abaixo, aparece a bandeira britânica. No mesmo lado, está a estátua da liberdade e os dizeres *I love* (representado por um coração em vermelho) *New York*. Já do outro lado, as palavras: curso de inglês básico em um pano de fundo com as cores das bandeiras dos dois países. Esse anúncio remete, não à pluralidade linguística do inglês, à variante britânica e à americana, revelando a hegemonia desses países, refletida na visão da identidade o inglês (como americano ou britânico) e da identidade dos falantes nativos (como os falantes legítimos), excluindo outras variantes e falantes de outros países.

A segunda prática discursiva comum diz respeito a vídeos disponibilizados no portal *Youtube* que reproduzem discursos hegemônicos sobre o inglês americano e britânicos. Os títulos dos vídeos variam: “*Como falar como um nativo – 6 dicas*”, “*Como fazer perguntas em inglês como um nativo*”, “*contrações para falar inglês como nativo*”, “*Como pronunciar o TH como um nativo*”, “*Convite: aprenda a pronunciar inglês como nativo de graça*”, “*Xingar*

14. Disponível em: <https://gyncursos.com.br/course/curso-de-ingles-gratis-online-com-certificado-em-video/> acesso em 15 de Jul. de 2020.

em inglês como nativo sem falar palavras”, “Sete expressões que fazem você parecer um nativo falando inglês”. A assim sucessivamente. Esses vídeos, a maioria preparado por brasileiros, considera a variante americana ou britânica como um legítimo inglês. Essas videoaulas destacam a superioridade do inglês hegemônico no Brasil (e no mundo), reforçando, no imaginário dos aprendizes, discursos que revelam uma visão binária sobre a identidade que afetam o imaginário dos aprendizes.

A terceira prática discursiva que apresento envolve anúncios de emprego para professores de idiomas. Em uma busca na internet, encontrei vários deles. O primeiro diz: “Native English teacher recruitment”¹⁵ (Recrutamento de professores nativos de inglês). No segundo¹⁶, “We’re hiring! Native English Teacher” (Estamos Contratando! Professores nativos de inglês). No terceiro anúncio “Native English teacher needed” (Precisa-se de professor nativo de inglês). Apesar de também haver, na internet, vários outros anúncios de empregos para professores não nativos, os três que apresento neste artigo ilustram a ideia de falante nativo como o modelo idealizado de professor (como se o nativo possuísse mais competência para ensinar a língua), da concepção de língua pura (um professor nativo garante o ensino de uma língua que não pode ser ensinada a partir de outras variantes), da inferiorização de falantes não nativos. É a identidade (mítica) da língua que produz esse binarismo. Schmitz (2013, p. 137) aponta uma medida importante da TESOL (*Teaching English for Speakers of Other Languages*) ao ter se posicionado contra qualquer forma de preconceito nos processos de contratação de professores de inglês. Esse posicionamento é contrário à discriminação de raça, etnia, nacionalidade ou histórico linguístico do professor candidato. Esse foi, de fato, um passo importante desse órgão, em prol da dignidade dos professores de inglês em todo o mundo. Palma (2011, p. 33) também corrobora com a ideia de que, para atender às necessidades de aprendizado dos alunos, não é necessário que um professor de uma língua seja nativo.

É importante compreendermos que esses discursos são arquitetados estrategicamente por diversas instituições que tentam vender uma variedade de língua que elas acreditam ser as legítimas. Ocorre uma configuração discursiva com vistas a atingir fins específicos. As práticas discursivas são tecidas com marcas linguísticas que revelam discursos autoritários e discriminatórios, ferindo a dignidade dos falantes das variedades não hegemônicas. Esses discursos humilham tanto povos de todas as nações que não se encaixam na noção tradicional do falante nativo quanto cada aprendiz línguas que deve ter suas identidades respeitadas e deve ser considerado também donos de quaisquer línguas que venham a usar.

15. Disponível em : <http://major.vn/native-english-teacher-recruitment/> acesso em 15 de jul. 2020.

16. O anúncio está disponível no link:

<https://www.facebook.com/celtaromania/photos/a.1578055435747053/2323987004487222/> acesso em: 15 jul. 2020.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão que estabeleci neste artigo traz à tona problemática da identidade tradicional e seus impactos na noção de língua pura, falante nativo e não nativo, no ensino-aprendizagem do inglês. Busquei mostrar que a concepção essencialista tradicional da identidade reflete uma visão binária de mundo que atravessam discursos perversos e discriminatórios que privilegiam variantes do inglês americano e britânico, relegando as outras modalidades, outros países e outros falantes a uma posição inferior. A LA contemporânea considera que todo e qualquer falante de uma língua é dono dela e não apenas certos grupos de indivíduos.

Em uma interface entre a LA e os ECD, apresentei textos de três práticas discursivas que disseminam discursos hegemônicos que são discriminatórios no contexto de ensino-aprendizagem de língua inglesa: anúncios de cursos de inglês, videoaulas do portal *Youtube* e anúncios de empregos para professores de inglês. Minha interpretação é que os discursos apresentados reforçam a ideia do purismo linguístico e da identidade tradicional, valorizam o inglês americano e o britânico como variantes de prestígio no cenário da globalização e o status superior do professor de inglês considerado nativo nas contratações em escolas de idiomas. Percebi que essas práticas discursivas são configuradas de forma bastante estratégica com fins ideológicos e comerciais e lançam mão da linguagem verbal e não verbal para reproduzir os discursos hegemônicos sobre a língua e seus falantes.

Acredito que devemos (re)pensar em um ensino de línguas que questione os discursos opressores, em uma formação de professores crítica, com currículos que possibilitem que essa formação seja política. Devemos promover reflexões e combates ao desrespeito às diferenças, ao preconceito linguístico, em prol de uma educação crítica e da valorização dos direitos humanos, sobretudo da dignidade da pessoa humana.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. DISTÚRBIOS IDENTITÁRIOS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO. *Mana* [online]. 2001, vol.7, n.2 [cited 2020-07-16], pp.7-33. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132001000200001&lng=en&nrm=iso Acesso em 15 jul.2020.

CORACINI, M.J. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e de identidade. In: _____ (org.). **Identidade e Discurso**: (des)construindo subjetividades. Chapecó/Campinas: Argos/ Ed. da UNICAMP, 2003, p. 139-159.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. trad. Coord. trad. rev. técnica e pref. técnica e pref. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 316 págs. Universidade de Brasília, 2001, 316 págs.

HALL, S. **A identidade na pós-modernidade**. 11^a ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: Regina Celi

Pereira e Pilar Roca. (Org.). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.

PALMA, A. M. B. **Representações de falantes nativos e não-nativos de inglês no discurso de alunos brasileiros: (des)construindo posições binárias**. 2011. 163f. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras Modernas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RAJAGOPALAN, K. Postcolonial world and postmodern identity: some implications for language teaching. **DELTA**, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 11-20, 2005.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHMITZ, John Robert. The native speaker and nonnative speaker debate: what are the issues and what are the outcomes? **Calidoscópio**. Unicinos. Vol. 11, n. 2, p. 135-152, mai/ago, 2013.

VAN DIJK, T. **Discurso e poder**. 2. ed., 4ª reimpressão. SP: Contexto, 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ambientes Virtuais de Aprendizagem 131, 132, 135, 139

Aprendizagem 24, 29, 32, 41, 60, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 124, 125, 126, 131, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 151, 152, 153, 156, 158, 159, 162, 163, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 202

B

Bakhtin 12, 21, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 160, 163

Blogs 47, 121

D

Discurso 1, 2, 3, 43, 46, 47, 51, 53, 55, 57, 58, 68, 70, 81, 83, 86, 90, 91, 96, 101, 102, 103, 105, 109, 110, 119, 121, 122, 123, 129, 130, 140, 179, 180, 186, 189, 190

Discurso Jurídico 57, 70, 72, 73, 81

Discurso Médico 53, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

E

Ensino Médio 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 112, 114, 119, 141, 142, 143, 144, 146, 148, 149, 150, 153, 156, 157, 161, 168, 169, 176

Escola 4, 25, 26, 33, 34, 37, 39, 41, 115, 121, 122, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 153, 156, 157, 158, 160, 167, 168, 169, 170, 171, 177, 208, 214

Estrutura 2, 2, 7, 8, 9, 19, 25, 33, 38, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 66, 79, 90, 91, 101, 105, 117, 123, 160, 163, 178, 181, 192, 193, 196, 199, 202, 204, 206, 209

F

Fonoaudiologia 101, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213

G

Gênero Textual 24, 73

Gramática 9, 11, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 28, 31, 32, 33, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 79, 80, 161, 184, 196, 197

I

Identidade 1, 7, 8, 13, 49, 100, 137, 139, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 214

Ideologia 3, 4, 5, 43, 44, 45, 46, 52, 54, 55, 56, 58, 64, 66, 72, 83, 91, 106, 109, 122, 123,

129, 133, 137, 140, 183

L

Letras 2, 16, 21, 24, 62, 89, 90, 97, 100, 119, 130, 141, 143, 157, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 190, 199, 207, 214

Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213

Língua Inglesa 111, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 171, 181, 182, 184, 187, 189

Linguística 2, 2, 11, 19, 21, 22, 23, 33, 43, 48, 70, 71, 73, 76, 79, 81, 90, 91, 101, 105, 112, 115, 116, 121, 122, 123, 129, 163, 179, 180, 185, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 203, 206, 214

Literatura 10, 12, 13, 14, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 40, 119, 168, 170, 214

Livros Didáticos 24, 25, 26, 27, 29, 183

Ludicidade 6, 159, 160, 161, 162, 163

M

Memória 1, 2, 3, 9, 53, 65, 67, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 100, 115, 117, 123, 181, 184, 199, 210

N

Novas Tecnologias 44, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 120, 121, 123, 129, 135, 140, 144, 151, 152, 153

P

Pronome 10, 13, 17, 18, 20, 21, 127, 135

S

Sociolinguística 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

Sujeito 1, 3, 4, 5, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 79, 91, 94, 102, 103, 105, 106, 107, 109, 112, 113, 115, 117, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 143, 159, 181, 189, 206

Surdo 191, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 207

Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 